

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA CULTURA E DA ARTE

ANA CAROLINA PASSOS CARVALHAIS PEREIRA

POP ART: Andy Warhol

BELO HORIZONTE
2011

ANA CAROLINA PASSOS CARVALHAIS PEREIRA

POP ART: Andy Warhol

Artigo apresentado ao curso de História da Cultura e da Arte da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG como requisito para a obtenção do título de Especialização em História da Cultura e da Arte.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luzia Gontijo Rodrigues

BELO HORIZONTE

2011

POP ART: Andy Warhol

Ana Carolina Carvalhais¹

RESUMO

O objetivo principal deste estudo foi tecer considerações a cerca do pop art e de um de seus principais artistas, Andy Warhol. Para isso, contou-se como recurso metodológico a revisão de literatura, a qual permitiu conceituar sobre o pop art, aumentar o conhecimento sobre a vida do artista Andy Warhol e de sua influência na arte contemporânea. Concluiu-se que Warhol foi o artista mais influente e, ao mesmo tempo, enigmático, dessa era e que foi um transformador do mundo da arte.

Palavras-chave: Pop art. Movimento. Arte contemporânea. Cultura popular.

1 INTRODUÇÃO

O pop art foi um movimento cuja denominação foi criada pelo crítico inglês Lawrence Alloway no ano de 1954, o qual empregou o termo para dar nomes aos produtos da cultura popular da civilização ocidental, essencialmente aqueles originários dos Estados Unidos.

O termo “cultura” tem origem do verbo latino *colere*, cujo significado é cultivar. Na visão de Chauí (1999), a cultura pode ser entendida como sendo uma lente pela qual o homem vê as coisas do mundo e, também a si próprio. São os homens, inseridos dentro de diferentes culturas, os quais irão ver o mundo de forma diferenciada, uma vez que se utilizará de uma lente que difere de cultura para cultura (CHAUÍ, 1999).

Entretanto, foi no final da década de 50, por meio da influência do dadaísmo, conhecido como um movimento artístico proveniente da Europa, cuja característica foi à ruptura com as formas de arte tradicionais, que o pop art teve seu formato definido. Alguns artistas nos EUA, após estudarem os símbolos e produtos do mundo da propaganda, passaram a transformá-los em tema de suas obras.

Esses símbolos e produtos passaram a representar os componentes mais ostensivos da cultura popular, os quais exerciam influência na vida cotidiana.

¹ Especializando em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Tratava-se da volta a uma arte figurativa, a qual se opunha ao expressionismo abstrato que dominava a cena estética desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Diante do exposto, o que se pretendeu com esse estudo foi conceituar e caracterizar o pop art, essencialmente apresentado por Andy Warhol, o qual é conhecido como sendo um dos principais artistas desse tipo de movimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Pop Art

Segundo Ferraz *et al* (2008), o pop se diferencia pelo caráter comercial, pelo aspecto industrial da produção em série, pela mercadoria e pelo consumo. Trata-se da própria indústria cultural.

Segundo Paulino, Walty e Cury (1999), cultura é definida como sendo um processo de trabalho e transformação, onde seus atores, os seres humanos, modificam a natureza construindo habitações, armas, instrumentos, musicais, enfeites, e, na atualidade em que se vive à produção vai desde alfinetes de segurança até microcomputadores e robôs.

O pop art tem sua origem no ano de 1956, na Inglaterra, em que as imagens da sociedade de consumo e a cultura popular eram utilizadas pelos artistas, os quais faziam críticas ao modo de vida dos americanos por meio de histórias em quadrinhos, propagandas e objetos produzidos em massa.

Zico, Rocha e Salgado (2008) relatam que o pop art surgiu no século XX, em meados da década de 50, e que se trata de um estilo artístico baseado no reprocessamento de imagens populares e de consumo, cujos temas favoritos eram a mídia e a publicidade, em meio a um contexto pós revolução industrial e como resultado da cultura pop, uma junção entre moda, democracia e máquina.

O termo foi utilizado pela primeira vez em 1954, pelo crítico inglês Lawrence Alloway, para designar os produtos da cultura popular ocidental, sobretudo dos Estados Unidos; era um rótulo para a “arte popular” que estava sendo criada pela cultura de massa (ZICO, ROCHA e SALGADO, 2008, p. 2).

Trata-se de um movimento que teve sua origem na Inglaterra, mas foi nos Estados Unidos que realizou seu potencial, sobretudo em Nova York.

Huysen (1996) relata que na metade dos anos 60, quando o movimento estudantil ampliou sua crítica ao sistema universitário, incluindo ataques à sociedade da Alemanha Ocidental, à política e às instituições em geral, uma onda de entusiasmo pop varreu a República Federal. Com isso, a noção de pop que atraía as pessoas quase que magicamente não só se referia à nova arte feita por Warhol, Lichtenstein, Wesselmann e outros, mas representava o *beat* e o *rock*, a arte em pôster, o culto às crianças e às flores e o ambiente da droga, pois valia qualquer manifestação de subcultura e *underground*. Ou seja, o pop se tornou sinônimo do novo estilo de vida da geração mais jovem, um estilo que se revoltava contra a autoridade e buscava a libertação das normas da sociedade.

O pop, segundo explica Huysen (1996), enquanto uma euforia de emancipação, se espalhava, principalmente entre os estudantes secundaristas e universitários, em seu sentido mais geral, o pop se amalgamou com as atividades públicas e políticas da esquerda anti-autoritária.

Com o surgimento do pop art, aquilo que, em geral, era considerado como sendo brega, virou moda e, com isso, o pop art harmonizou a transformação do que era classificado como vulgar, em refinado, aproximando, dessa forma, a arte das massas, desmistificando, uma vez que se utilizava de objetos próprios, a arte para poucos.

De uma certa forma, o pop art surge como uma reação às obras de artes abstratas construtivas (abstracionismo geométrico) e ao expressionismo abstrato (abstracionismo informal), que tinha se popularizado no campo das artes plásticas naquela época. Os artistas do pop art buscavam novamente a figuração. O tema das obras Pop eram as imagens do dia a dia da sociedade de consumo: "a arte elitista decaiu até os bastidores do cotidiano, enquanto os fenômenos subculturais se tornam apresentáveis" (COHN, 2010, p. 6).

Ferreira (2009, p. 4) relata que:

A cultura popular dos anos 50-60, influenciada pela retomada da economia e o aparecimento da televisão, é caracterizada pela mídia de grande alcance, propagandas exaltando estilos de vida - que por sua vez influenciavam a compra de certos objetos -, revistas, filmes, álbuns de música etc., enfim, a cultura de massa americana, que inspirou alguns artistas ingleses a questioná-la (ou a exaltá-la) em suas obras. É recorrente o uso de cores fortes, aspectos infantis, formas não-austeras, objetos cotidianos e de utilitário diário (o que mostra uma conexão com o movimento Dada). Tais obras buscavam um questionamento sobre a efemeridade e a superficialidade das relações e ações de tal época; usavam referências encontradas no dia-a-dia do público, para que pudesse atingi-lo

e mostrar-lhe as conseqüências do consumo da elite (como a transformação de personalidades em objetos de consumo, como mostrado nas obras de Andy Warhol).

O período do pop art representou uma era de transformação, inclusive na arte brasileira, pois na época, o país estava enfrentando a ditadura militar, a qual perseguiu, torturou, matou e exilou vários artistas, intelectuais, jornalistas, músicos, formadores de opinião, entre outros.

Os americanos, entretanto, fazem uma interpretação diferente em relação ao pop art daquela feita pelos brasileiros, pois no Brasil, foi aderido somente à forma e à técnica em que a personalidade e a opinião crítica eram expressas em suas obras, registrando, com isso, sua insatisfação com a censura proporcionada pela ditadura militar e, no caso dos americanos, estes faziam críticas à alienação e à sociedade em massa, discutindo o vazio.

O movimento surgiu em meio ao Expressionismo Abstrato, movimento predominante na época, e tem influências do surrealismo, do kitsch e, principalmente, do dadaísmo, sem, no entanto, nenhuma semelhança com a filosofia dadá. Foi considerado, no início, como um movimento *underground*, leviano e que buscava uma provocação e rompimento radical com as belas-arts. No entanto, à medida que novos artistas começaram a explorar esse estilo, houve uma compreensão maior de que seus objetivos eram o de exploração dos potenciais da arte gráfica comercial e que se tratava de um movimento culto e altamente consciente (ZICO, ROCHA e SALGADO, 2008, p. 3).

Cohn (2010) relata que vários países estavam se recuperando das conseqüências da Segunda Guerra mundial, que havia arrasado a Europa, deixando-a em ruínas.

“Artistas de vanguarda, filósofos, intelectuais europeus migraram para os EUA fugindo da guerra e lá continuaram a produzir conhecimento” (COHN, 2010, p. 5).

Segundo Cohn (2010), o dadaísmo, considerado como sendo provocador, é um movimento em que foram construídos alicerces para o movimento da arte, dando origem a arte contemporânea.

Cohn (2010) afirma que o dadaísmo surgiu por meio do artista Marcel Duchamp, o qual afirmava que: era necessário achar algo que não fosse nada belo, agradável ou feio; que a arte é uma espécie de encontro, ou seja, um encontro com ninguém cuja finalidade é a não contemplação; e que, é a beleza da indiferença,

essa é a liberdade. É entronizar uma ninharia e, uma vez em seu trono, negá-la e negar-se a si mesmo.

Para Kirchof (2010), a pop art é definida como a negação de todos os estilos bem como de todas as definições tradicionais da arte, o que permite caracterizar suas obras como antiarte.

A maior parte das características atribuídas a esse movimento se refere, portanto, à maneira como seus correligionários tratam de temas como consumismo, euforia em relação ao progresso tecnológico, a popularização da informação através dos meios de comunicação de massa (KIRCHOF, 2010, p. 10).

Huysen (1996) relata que a literatura experimental e o expressionismo abstrato denunciaram o pop art como não-arte, como arte de supermercado, como *kitsch* e como a “coca-colonização” da Europa Ocidental. Entretanto, os diversos ramos da indústria e dos negócios entenderam de forma imediata que o movimento jovem criava necessidades que poderiam ser exploradas economicamente. Com, isso, novos mercados foram abertos para trabalhos de baixo custo em *silk screen* e obras gráficas de pequena proporção. Minigalerias foram inauguradas assim como minibutiques. Os entendidos em arte continuaram a discutir se o pop deveria ou não ser aceito como uma forma de arte legítima.

Enquanto isso, conforme relatos de Huysen (1996), nos EUA um público de arte predominantemente jovem começa a interpretar a pop art americana como um protesto e uma crítica, ao invés de considerá-la a afirmação de uma sociedade emergente.

Conforme Huysen (1996), o pop parecia ridicularizar a crítica de arte, a qual era considerada mortalmente séria, a qual nunca havia reconhecido a fantasia, o jogo e a espontaneidade. O uso quase indiscriminado pelo pop das cores brilhantes era irresistível.

O pop, de acordo com Huysen (1996), desde o seu início, proclamou que eliminaria a histórica separação entre o estético e o não-estético, juntando e reconciliando a arte da realidade.

A secularização da arte parecia ter atingido um novo patamar, no qual a obra de arte se livraria dos vestígios de suas origens na magia e no rito. Na ideologia burguesa, a obra de arte – apesar de sua quase completa distância do ritual – ainda funcionava como uma espécie de substituto da religião; com o pop, no entanto, a arte se tornou profana, concreta e pronta

para a recepção de massa. A pop art parecia ter potencial para se tornar uma arte genuinamente “popular” e resolver a crise da arte burguesa, que se tornara evidente desde o começo do século (HUYSSSEN, 1996, p. 97).

Na visão de Wood *et al* (1998), o pop arte foi uma exceção que confirmou a regra, pois sua figuração, em grande parte baseada nas representações correntes dos meios de comunicação de massas, já era de segunda mão.

Segundo Wood *et al* (1998), a tradicional aspiração do realismo social, que era mostrar a verdade por trás da representação deturpada convencional, teve a sua falência decretada por uma arte cujo principal tema era essa convenção. Se a arte pop pretendia obter algum distanciamento crítico em relação às suas fontes, era evidente que não poderia fazê-lo mediante a desconsideração dessas fontes em nome da verdade que elas obscureciam; sem dúvida, teria de obtê-lo concentrando mais o foco sobre as próprias fontes. Isso implicava considerar não só os elementos imagéticos em si, mas também a tecnologia que caracterizava sua produção e difusão.

2.2 Andy Warhol - Biografia

Cohn (2010) cita como um dos principais artistas do movimento pop art, Andy Warhol.

Warhol era filho de imigrantes tchecos, originários da Eslováquia que migraram para os Estados Unidos durante a Primeira Grande Guerra.

Passou sua infância em Pittsburg, rodeado da cultura tcheca com suas Babuskas, a comida típica e o idioma tcheco.

Seu pai trabalhou nas minas e morreu cedo, deixando a família passando necessidades. Muito jovem Warhol trabalhou em uma loja onde, fora do gueto cultural em que vivia, travou seu primeiro contato com o consumo americano. Warhol viu a cultura americana com os olhos fascinados de um imigrante estrangeiro (COHN, 2010, p. 6).

Cohn (2010) relata que Andy Warhol teve sua formação nas Artes Visuais inicialmente como decorador de vitrines e que posteriormente estudou artes em Pittsburg e, em 1949, se mudou para Nova York, onde fez sua carreira artística.

A serigrafia foi seu principal meio de expressão plástica. Ele se interessava pela multiplicidade e, principalmente, pela reprodutibilidade de uma imagem.

A gravura não é uma obra de arte única, pelo contrário, é feita em série. Dessa forma ele questionava a “aura” da obra de arte única. Ele não a fazia sozinho. Ao invés de um atelier, Warhol dizia ter uma fábrica (*factory*) com 18 trabalhadores, que faziam as telas para serigrafia e imprimiam as gravuras a partir de suas idéias. Assim, Warhol repensava a questão da autoria da obra de arte e do trabalho artesanal do artista. É importante notar que as gravuras não eram perfeitas. Havia com frequência borrões de tinta de impressão, como a reprodução de baixa qualidade de fotos de jornal (COHN, 2010, p. 6).

Bockris (1991) relata que Andy Warhol, cujo nome era Andrew Warhola, nasceu na cidade de Pittsburgh, na Pensilvânia, no dia 6 de agosto de 1928, vindo a falecer na cidade de Nova Jersey, no dia 22 de fevereiro de 1987.

Warhol, de acordo com Bockris (1991), foi um empresário, pintor e cineasta norte-americano.

Conforme Bockris (1991), Andy Warhol era o quarto filho de um casal de imigrantes da classe operária, católicos bizantinos.

Em seus primeiros anos de estudos, Warhol teve uma doença denominada coréia, a qual ocorria no sistema nervoso, provocando movimentos involuntários das extremidades e que causa manchas de pigmentação na pele (BOCKRIS, 1991).

O fato de sempre ficar de cama o fez ser excluído pelos colegas de escola, o que o fez ficar muito ligado à sua mãe. Durante o tempo em que ficava de cama, costumava desenhar, ouvir rádio e colecionar imagens de estrelas de cinema ao redor de sua cama.

Ao completar 17 anos de idade, passou a estudar *design* no Instituto de Tecnologia de Carnegie, onde se graduou e logo em seguida, mudou-se para Nova York, trabalhando como ilustrador de importantes revistas e a fazer anúncios publicitários e *displays* para vitrines de lojas.

Ao estudar *design* no Instituto de Tecnologia de Carnegie, Warhol já era polêmico, pois se recusava a aceitar as normas estabelecidas no instituto.

Warhol teve que interromper seus estudos no instituto devido ao final da Segunda Guerra devido a Lei de Desmobilização, a qual obrigava vários alunos a cederem lugar nas Universidades dos EUA a soldados que agora se encontravam desocupados, em tempos de paz. Entretanto, vários mestres exigiram sua volta, permitindo que assistisse o Curso de Verão, o que lhe propiciava realizar nova inscrição no outono do ano seguinte. Seus projetos lhe garantiram, durante sua graduação, a receber um prêmio concedido pelo instituto e, conseqüentemente, à exposição de seus trabalhos.

Bockris (1991) relata que foi a partir daí que Warhol iniciou sua carreira de sucesso como artista gráfico ganhando diversos prêmios como diretor de arte do Art Director's Club e do The American Institute of Graphic Arts.

Foi contratado pela revista *Glamour*, começou por desenhar sapatos, mas os primeiros desenhos apresentados tiveram de ser refeitos devido às suas claras sugestões sexuais. Passou a desenhar anúncios - atualmente ainda muito normais na publicidade de moda nos EUA - para revistas como a *Vogue* e a *Harper's Bazaar*, assim como capas de livros e cartões de agradecimento.

No ano de 1952 fez a sua primeira mostra individual exibindo 15 desenhos baseados na obra de Truman Capote, cuja série de trabalhos foi mostrada em diversos lugares na década de 50.

Nesse ano, sua mãe foi ao seu encontro em Nova Iorque. Warhol havia retirado o “a” final do seu apelido e passado a usar uma peruca branca, bem visível por cima do seu cabelo escuro. Ainda em junho desse mesmo ano, realizou a sua primeira exposição na Hugo Gallery, intitulada “15 Desenhos baseados nos escritos de Truman Capote”. A exposição foi um sucesso não só comercial como artística, que lhe permitiu viajar pela Europa e Ásia em 1956.

Na década de 60 Warhol teve sua carreira de artista plástico marcada por uma guinada em que passou a utilizar-se dos motivos e conceitos de publicidade, o uso de cores fortes e brilhantes e tintas acrílicas. Nesse período, conforme relata Bockris (1991), Warhol reinventou o pop art.

Atingiu o sucesso no ano de 1962, quando expõe quadros de imagens da cultura de massa: garrafas de Coca-Cola e latas de sopa Campbell. A partir de 1963 utiliza a serigrafia, técnica que permite a reprodução ilimitada das imagens, realizando séries de retratos de celebridades norte-americanas, como Marilyn Monroe.

Em 1963 Warhol começou a filmar, o qual realizou filmes experimentais, propositadamente muito simples e bastante aborrecidos, como um dos seus primeiros - *Sleep* (Dormir) - que se resumia à filmagem durante oito horas seguidas um homem a dormir, ou *Empire* (Império), que filmou o *Empire State Building* do nascer ao pôr do sol. Mas os filmes foram tornando-se mais sofisticados, começando a incluir som e argumento. O filme *Chelsea Girls*, de 1966, que mostra duas fitas lado a lado documentando a vida na *Factory*, foi o primeiro filme *underground* a ser apresentado numa sala de cinema comercial.

Para além do cinema Warhol também foi produtor do grupo de *rock-and-roll Velvet Underground*, que incluía naquela época Sterling Morrison, Maureen Tucker, John Cale e Lou Reed e a cantora alemã Nico. Arranjou-lhes um local para ensaiar, pagou-lhes os instrumentos musicais e deu-lhes alguma da sua aura. Para além dos discos os Velvet e Warhol produziram o espetáculo *Exploding Plastic Inevitable*, que utilizava a música do grupo e os filmes do artista. Os Velvet, já famosos, entraram definitivamente na história ao darem o nome à revolução checa de 17 de Novembro de 1989 que derrubou pacificamente o regime comunista - a *Velvet Revolution*.

Em 1966 realiza o filme *The Chelsea Girls*, já apresentando as principais características de seu cinema underground: diálogos improvisados, imagens não editadas, enredo não-linear, alto erotismo e longa duração (sete horas).

No ano de 1968, Warhol foi vítima de um atentado cometido por uma militante do grupo Society for Cutting Up Men – Sociedade para castrar homens -, Valerie Solanis, criadora e única integrante desta entidade. Warhol levou um tiro que não o matou, mas inspirou o filme *I shot Andy Warhol – Eu atirei em Andy Warhol* -, de 1996, dirigido por Mary Harron.

Warhol demorou mais de dois meses a recuperar e quando saiu do hospital tinha perdido muita da sua popularidade junto da comunicação social. Dedicou-se então a criar a revista *Interview*, e a apoiar jovens artistas em início de carreira, para além de escrever livros - a sua autobiografia *The Philosophy of Andy Warhol (From A to B and Back Again)* foi publicada em 1975 -, e apresentar dois programas em canais de televisão por cabo. A sua pintura voltou-se para o abstracionismo e o expressionismo, criando a série de pinturas - *Oxidation* (Oxidação).

No fim dos anos 70 e início dos 80, nas artes plásticas, Warhol criou uma série de figuras que incluem o rosto de Mao (1982), com uma dezena de variações em cores berrantes, variações sobre foice e martelo (*Hammer and Sickle*, 1977), variações sobre o crânio humano (*Skulls*, 1976), *Torso* (1982), variações sobre a sombra (*Shadows*, 1979) e dezenas de retratos de personalidades judaicas, que incluem Freud, Einstein, Kafka, Gershwin, Gertrude Stein e diversos auto-retratos

Honnef (2005) afirma que Warhol era tímido, amável e que muitas vezes era sorridente, mas parecia estar sempre ausente, pois quando aparecia em público, dava a impressão de estar sempre ausente.

De acordo com Honneth (2005), Warhol deixou uma série de testemunhos por meio de um grande número de entrevistas e aforismos, bem como dois livros autobiográficos.

Warhol não faltava a praticamente nenhum acontecimento público que estivesse ao seu alcance e raramente deixava passar uma festa. Admirava as estrelas do cinema e dos meios literários e colecionava autógrafos.

No ano de 1987 Warhol teve que fazer uma cirurgia de vesícula biliar que, apesar de ter sido bem sucedida, o artista faleceu no dia seguinte.

Em seu estilo artístico, pode-se citar: o uso de conceitos de publicidade em suas obras de artes plásticas; o uso de tintas acrílicas, que reforçam as cores fortes e brilhantes; o enfoque nos objetos de consumo e temas do cotidiano; a reprodução de rostos em série de personalidades da época (Marilyn Monroe, Che Guevara, Elvis Presley, entre outros); o uso da técnica da serigrafia.

As principais obras de Warhol foram: *Chelsea Girls* (1966); *Plastic Inevitable* (1966); *Campbell's Soup Can* (1968); Serigrafias coloridas dos rostos de celebridades (Marilyn Monroe, Che Guevara, Elvis Presley, Liz Taylor).

Seus principais filmes foram: *Milk* (1966); *The Andy Warhol Story* (1967); *Bike Boy* (1967); *Tub Girl* (1967); *I a Man* (1967); *Lonesome Cowboys* (1968); *Flesh* (1968); *Blue Movie* (1969); *Trash* (1969); *Heat* (1972); e, *Blood of Dracula* (1974).

Para Andy Warhol, ser rico de verdade é ter um grande espaço vazio. Espaço desperdiçado é qualquer espaço com arte dentro dele. O artista para Warhol era alguém que produz coisas que as pessoas não precisam ter, mas que ele – por alguma razão – acha que seria boa idéia dar a elas.

2.3 O Pop Art representado por Andy Warhol

Andy Warhol se encontra entre os principais artistas mais importantes do pop art, se destacando como sendo um artista polêmico e que se utilizava de imagens de artistas conhecidos e cobiçados.

A obra de Andy Warhol expunha uma visão irônica da cultura de massa. Cauquelin (2005) afirma que as obras de Warhol eram públicas e de fácil acesso, as quais tomam emprestado as vias e os meios de publicidade, tornando-se, com isso, difícil de avaliar à sua contemporaneidade.

De acordo com Cauquelin (2005), as obras de Warhol demonstravam o grande dom do artista, o qual pertence à história da arte, principalmente ao pop art dos anos 60. Sua notoriedade se deve ao fato de que Warhol percebia a forma como a arte era articulada à sociedade e ao mundo dos negócios e sua arte era complexa sem mesmo tomar partido em relação à moral de seus negócios. Sua arte tratava de uma filosofia da comunicação e não a uma perversão considerada cínica ao sistema de consumo.

Em sua arte, conforme Cauquelin (2005), Warhol se opunha à repetição em série, à saturação das imagens e ao paradoxo de uma despersonalização hipersonalizada.

Com relação à rede de comunicação, segundo Cauquelin (2005), Warhol passou a compreender muito cedo acerca do sistema publicitário, sendo essa uma experiência fundamental, a qual lhe serviu para construir sua própria imagem e a utilizar mecanismos da publicidade para torná-la conhecida.

Warhol, conforme ressalta Cauquelin (2005), mostra objetos comuns não em sua materialidade em três dimensões, mas reproduzidos sem nenhuma intervenção de sua parte para deslocar ou poetizar o motivo. A única ação pela qual então seu trabalho se define consiste em tornar pública essa exposição, torná-la de alguma forma obsedante, inevitável. “Mas esse ‘tornar público’ é impensável fora de uma rede de comunicação cujo processo é preciso dominar, e esse processo pertence, em sua base, à esfera do comércio, dos ‘negócios’” (CAUQUELIN, 2005, p. 118).

Para Cohn (2010), Andy Warhol entendeu o funcionamento dos meios de comunicação de massa e é o autor da conhecida frase: “todo mundo deveria ter o direito de ficar famoso por 15 minutos”.

Conforme Cohn (2010), Warhol era excêntrico com sua peruca branca e dizia que raramente artistas plásticos ficaram famosos, com exceção dele próprio e de Picasso, Salvador Dali.

Andy Warhol sintetizava o espírito do pop art americano, que foi crítico enquanto chamou a atenção para a frivolidade da sociedade de consumo e foi acrítico quando aceitou, e até venerou esta realidade. Segundo Osterworld, a idéia de Warhol não era apenas fazer do banal e do vulgar a substância da arte, mas de tornar a própria arte banal e vulgar. Não se contenta em transpor para a arte dados mediáticos ou indústrias, a arte em si torna-se um produto mediático e industrial. Warhol inverte as noções de elevação e “baixeza” (COHN, 2010, p. 7).

No Brasil, seu espírito foi subvertido, pois, nosso pop usou da mesma linguagem, mas transformou-a em instrumento de denúncia política e social.

Andy Warhol foi a figura mais conhecida e mais controvertida do pop art, Warhol mostrou sua concepção da produção mecânica da imagem em substituição ao trabalho manual numa série de retratos de ídolos da música popular e do cinema, como Elvis Presley e Marilyn Monroe. Warhol entendia as personalidades públicas como figuras impessoais e vazias, apesar da ascensão social e da celebridade. Da mesma forma, e usando, sobretudo, a técnica de serigrafia, destacou a impessoalidade do objeto produzido em massa para o consumo, como garrafas de Coca-Cola, as latas de sopa Campbell, automóveis, crucifixos e dinheiro.

Produziu filmes e discos de um grupo musical, incentivou o trabalho de outros artistas e uma revista mensal.

De acordo com Zico, Rocha e Salgado (2008), Andy Warhol foi um artista plástico considerado um dos expoentes da pop arte americana.

Fã ardoroso das celebridades entendia o caráter transitório da fama e via as personalidades públicas como figuras impessoais e vazias, apesar da ascensão social e da celebridade. Buscava retratar essa impessoalidade em suas obras explorando imagens de famosos, como Marilyn Monroe, Elizabeth Taylor, Elvis Presley e Che Guevara, numa concepção de produção mecânica da imagem, que utilizava técnicas de serigrafia, afastando qualquer vestígio do gesto humano (ZICO, ROCHA e SALGADO, 2008, p. 3).

Zico, Rocha e Salgado (2008) destacam que Warhol buscou destacar também a impessoalidade de objetos produzidos em massa para o consumo, como garrafas de Coca-Cola, latas de sopa Campbell, caixas de sabão Brillo, automóveis, crucifixos e dinheiro e que as suas obras são marcadas por cores vibrantes, brilhantes e imprecisas e pelo efeito de simultaneidade, que buscava, na repetição das imagens, enfatizarem a idéia de anonimato e dar um efeito decorativo.

Para Kirchof (2010), Warhol é considerado um dos artistas mais radicais, pois não pretende apenas apresentar objetos vulgares através de sua arte e sim, transformar a própria arte em objeto vulgar.

Ferraz *et al* (2008), afirmam que Andy Warhol assimilou o consumo, a produção em série, dentre outras características da indústria cultural à sua arte. Este é o diferencial de sua obra, que problematiza tais aspectos da sociedade contemporânea através de um discurso artístico.

Conforme Ferraz *et al* (2008), Warhol opera o aniquilamento do sujeito da arte, o aniquilamento do artista. Aliás, ele não seria nem mesmo artista e a sua obra desafiaria a própria noção de arte e estética. Cada imagem de Warhol é um fetiche, ao mesmo tempo insignificante em si mesmo e de valor absoluto. Uma figura da qual todo o desejo se retirou, só dando lugar à imanência da imagem. E neste sentido, ela é artificial, banal e vazia. É o nada que se contrapõe ao nada.

Cauquelin (2005) fala sobre o tema morte, o qual aparece constantemente nas obras de Warhol. Trata-se de um assunto que não está ligado a uma intenção trágica nem a qualquer tipo de gosto mórbido, mas que deve se considerada dentro da ótica da rede: o efeito saturação-repetição traz em si seu próprio fim, soa como uma queixa obsessiva.

No segundo caso, é um objeto qualquer, sem absolutamente nada de sensacional, que será escolhido. Um objeto que todo mundo conhece. Ele é público. Ligando seu nome ao objeto em série, conhecido de todos, Warhol se torna tão conhecido quanto à imagem que assina (CAUQUELIN, 2005, p. 113).

Para Warhol, conforme relata Cauquelin (2005), é o impacto sobre o público que importa. É necessário cobrir as paredes, repetir incessantemente, saturar, pois acreditava que a comunicação funciona como tatologia, como redundância. Acreditava que era preciso saturar as redes e fazer uso de todos os suportes possíveis e, com isso, é necessário que seu nome e suas imagens ocupem ao mesmo tempo todas as posições possíveis dentro da cadeia de comunicação e que o grupo reunido também colabore.

Nessa rede de comunicação, segundo Cauquelin (2005), o paradoxo é uma das leis elementares, pois se trata do bloqueio entre o autor de uma mensagem e a própria mensagem. Em um sistema de comunicação, o nome e a obra são idênticos.

O nome de Warhol não é um nome que assina uma ou diversas obras: é uma obra, o resultado de um circuito de produção de múltiplas entradas (como '*frigidaire*' é um nome genérico para qualquer refrigerador na França). Nesse objetivo, o signo Warhol marca uma série de produções em rede: pinturas, filmes, fotografias, exposições, textos. "O autor Warhol identifica-se com a rede que faz circular os produtos Warhol" (CAUQUELIN, 2005, p. 114).

Conforme Cauquelin (2005), como os astros que são produtos de uma cadeia de realizações cinematográficas e avalizam essas realizações com suas presenças

célebres, a obra de Warhol está numa relação de destaque diante do sistema de produção, que a coloca à frente.

“Warhol produz a si como sua própria obra, como seu próprio astro. [...] Um astro é, em sua personalidade visível, impessoal como um objeto. Ele não envelhece [...]. Pertence à rede antes de pertencer a si mesmo, e se multiplica identicamente” (CAUQUELIN, 2005, p. 115).

O paradoxo – e o bloqueio próprio do emblema Warhol – é o fato de ele ser ao mesmo tempo o produtor de uma imagem de astro, a qual se dedica a fazer circular pelas cadeias de comunicação, e o astro em si, que ele produz como obra e que é simplesmente ele mesmo. O objeto que apresenta – a lata, a garrafa ou o astro – traz sua marca, é Warhol (CAUQUELIN, 2005, p. 115).

Cauquelkin (2005) afirma que a interpretação sociológica que consiste em explicar o sucesso de Warhol junto ao público jovem norte-americano pela apresentação de objetos do cotidiano, geralmente deixados de lado pelos artistas ‘artesãos’, não dá conta da especificidade do efeito Warhol, uma vez que os outros artistas da pop art que trabalhavam os mesmos temas estão longe de ter conhecido a mesma sorte. É preciso deixar bem claro que a diferença se deve à exploração por Warhol da rede e de seus princípios.

Huysen (1996) afirma que Warhol parece vítima dos slogans de publicidade que ele próprio ajudara a criar antes de se tornar artista. Passou de publicitário a artista com uma só idéia: não anunciar os produtos, mas proclamar que aqueles mesmos produtos e suas reproduções gráficas eram obras de arte.

3 METODOLOGIA

O presente estudo é qualitativo e de caráter descritivo, recorrendo-se à pesquisa bibliográfica.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa uma vez ser uma situação em que se manifesta a importância de tal abordagem. Gil (2008), afirma que a abordagem qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação.

A pesquisa foi tratada de forma qualitativa sendo feito a interpretação dos dados colhidos por meio da revisão de literatura a serem associadas.

Gil (2008, p. 42) define a pesquisa descritiva da seguinte forma: “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Foi também uma pesquisa bibliográfica uma vez que se buscou as características nas bibliografias especializadas. Gil (2008, p. 44), afirma que a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como principal objetivo conceituar e caracterizar o pop art, essencialmente apresentado por Andy Warhol, o qual é conhecido como sendo um dos principais artistas desse tipo de arte.

Diante do exposto, foi possível identificar que Andy Warhol foi um dos grandes responsáveis pelo pop art, o qual exerceu forte influência nesse tipo de arte, a qual se caracteriza por um movimento de negação de todos os estilos bem como de todas as definições tradicionais da arte, o que permite caracterizar suas obras como antiarte.

Warhol foi o artista mais conhecido e mais controvertido do pop art, e que mostrou sua concepção da produção mecânica da imagem em substituição ao trabalho manual numa série de retratos de ídolos da música popular e do cinema. Esse artista percebia as personalidades públicas como figuras impessoais e vazias, apesar da ascensão social e da celebridade.

REFERÊNCIAS

BOCKRIS, Victor. *Andy Warhol: a biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1991.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005.

CHAUÍ, Marilena. In. CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.

COHN, Greice. *Arte Contemporânea: origens, propostas, características e novas linguagens*. Disponível em: <<http://www.cp2centro.net/destaques/apostilaav1s.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2010.

FERRAZ, Guilherme. *et al. Björk: o pop e a arte na indústria cultural*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. *Anais...* São Paulo, 07 a 10 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0264-1.pdf>>. Acesso em 19 dez. 2010.

FERREIRA, Aimeê da Silva. *Design Italiano e Pop Art*. Monografia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP. Curso de Design. São Paulo: 2009. Disponível em: <http://www.designemartigos.com.br/wp-content/uploads/2010/10/Aime%C3%AA_da_Silva_Ferreira.pdf>. Acesso em 14 dez. 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HONNEF, Klaus. *Andy Warhol: 1928-1987 – a comercialização da arte*. Paisagem, 2005.

HUYSSSEN, Andréas. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

KIRCHOF, Edgar Roberto. *Transmidialidade e Estilo de Oposição na Arte Pósmoderna*. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/2010/anais2008/doc%20\(23\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/2010/anais2008/doc%20(23).pdf)>. Acesso em 19 dez. 2010.

PAULINO, Graça. WALTY, Ivete. CURY, Maria Zilda. A Cultura como jogo intertextual. In: PAULINO, Graça. WALTY, Ivete. CURY, Maria Zilda. *Intertextualidade: teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1997. p. 12-64.

WOOD, Paul. HARRIS, Jonathan. FRANCINA, Francis. HARRISON, Charles. *Modernismo em Disputa: a arte desde os anos quarenta*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

ZICO, Débora; ROCHA, Gláucia Schenk; SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. *Arte e Propaganda: Campanha Seda Camadas e a Pop Arte*. Disponível em: <<http://tigubarcelos.files.wordpress.com/2008/09/campanha-seda-e-pop-arte.pdf>>. Acesso em 21 dez. 2010.